

CULTURA E FESTA – HOMEM E SOCIEDADE: O CARNAVAL COMO LABORATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO GEOGRÁFICA¹

Rahyan de Carvalho Alves²
Gildette Soares Fonseca³

Resumo: A Geografia Cultural, mesclada com a Antropologia e a Sociologia, oferece nas suas pesquisas um olhar diferenciado das formas das expressões humanas. As festas são exemplos de imensurável valor para a decodificação de uma sociedade; sua história, desafios, crises, mudanças e reivindicações estão lapidadas em sua forma e evolução. Neste contexto, o carnaval pode ser o maior laboratório de investigações das mazelas e mudanças sociais de qualquer lugar, pois possibilita a integração dos seres no mesmo cosmo. Assim, este trabalho denota-se como relevante, uma vez que tem por objetivo demonstrar a riqueza de interpretações que a festa carnavalesca pode oferecer à comunidade, apresentando um breve histórico sobre a festa e algumas análises a partir de variados geofatores, buscando oferecer uma possibilidade de investigação sobre diferentes enfoques de pesquisa. O caminho trilhado para alcançar o objetivo foi o levantamento bibliográfico. Quando se conhece e compreende a importância das manifestações culturais, as cores, formas e símbolos das ações humanas perpassam a bela expressão cultural artística, onde, com uma análise minuciosa, podemos averiguar as formas de denúncias, desejos e vontades reprimidas dos homens; e as festas, mais especificamente o carnaval, denotam muito do retrato da sociedade.

1 Fragmento do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: “Samba, confetes e serpentinas” – O carnaval de Pirapora, norte de Minas Gerais: o retrato da (des) construção da cultura e da desigualdade social, apresentado em 19 de maio de 2011.

2 Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: rahyancarvalho@yahoo.com.br.

3 Mestre em Geografia; Professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: gildettes@yahoo.com.br.

Palavras-chave: Geografia Cultural. Matrizes. Carnaval.Sociedade.

CULTURE AND FESTIVAL – MAN E SOCIETY: CARNIVAL AS A LABORATORY FOR GEOGRAPHIC RESEARCH

Abstract: Cultural Geography, mingled with Anthropology and Sociology, presents in its researches a distinct view on ways of human expressions. Festivities are examples of immeasurable value for decoding a society, its history, challenges, crises, changes and demands are shaped on its forms and evolution. Thus, Carnival can be the largest laboratory for investigating blemishes and social changes of any place, once it makes possible the integration of human beings in the same cosmos. This study can be considered relevant once it aims to show the array of interpretations which Carnival party may present to community. It introduces a brief overview on the festivity and some analysis from several geofactors, aiming to offer investigation possibilities on different focus of the research. Bibliographical compilation was the way chosen to achieve the goal of the research. When the importance of cultural manifestations is known and understood, the colors, shapes and symbols of human nations pass by artistic-cultural expressions, where a detailed analysis can check man's hidden desires and willing, and how festivities, in special Carnival, can portray society.

Keywords: Cultural Geography. Matrixes.Carnival. Society.

Introdução

A Geografia Cultural fornece à sociedade uma nova leitura sobre as manifestações e criações humanas, apresentando os motivos, as interpretações e significâncias das ações do homem, enquanto sujeito modelador da sociedade, criando novas maneiras de entender o mundo do sujeito. E as festas surgem como o maior laboratório de criação, renovação e inquietações do ser. Nesta perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo demonstrar as riquezas de interpretações e investigações que o carnaval pode oferecer. Ao interpretar esta festa popular, como um norteador para as inúmeras festas que existem no mundo, há a possibilidade de pesquisas, em especial na Geografia, com

um cunho denunciador e investigativo, pois as festas demonstram entre linhas as formas e estrutura de uma sociedade dinâmica e heterogênea.

O artigo está estruturado em três partes. Primeiramente, discute, de forma breve, a Geografia Cultural e a sua importância nas análises sobre as manifestações humanas. Em seguida, retrata o carnaval, fornecendo um breve histórico para abranger considerações da Geografia Cultural enquanto portadora de apreciação dos movimentos culturais, na perspectiva de ofertar inúmeras matrizes de compreensão social. Por fim, é feita uma análise sobre as vertentes investigativas que o carnaval pode oferecer aos pesquisadores, com ênfase aos geógrafos. A metodologia utilizada neste trabalho baseia-se em levantamento bibliográfico.

Geografia, cultura e festa: uma forma de compreender a sociedade

Tantas são as discussões em volta da Geografia Cultural e suas formas de compreender a sociedade; entretanto, difíceis são as análises, uma vez que trabalha com o objeto de estudo mais complexo e intrigante do universo: o homem. E a sua tarefa de decodificar a realidade social é de inexorável valor para a humanidade, pois oferece a todos as razões, formas e retratos de uma sociedade crítica, criativa e mutável.

As dúvidas e aflições em trabalhar com o termo culturas permeiam primordialmente nas divisões destas, se é que podemos retratá-las assim, pois, de modo geral, denominam-se por fatores de construções, públicos assistidos, modos de vivências, relações socioeconômicas, ações políticas, hierarquização de desejos, estruturação das formas e, conseqüentemente, de interpretação e significados simbólicos de seus segredos.

A cultura é um dos palcos para entender o mundo dos sujeitos que extravasam seus desejos em diversas estruturações plurimoldais. E a partir destas configurações de festejar que se faz importante a construção da pesquisa em Geografia, pois a revelação de um mundo em constante mudança pode estar representada nas formas de expressão através destas, principalmente quando se faz uma representação histórica, geográfica, antropológica, sociológica, econômica e política no mundo do folião.

As manifestações sociais, por exemplo, representa um mundo de possibilidades, as quais, pela coletividade, nas análises dos objetos materiais, das ações, dos desejos e dos sentimentos subjetivos dos homens que vão de frente com as vontades e matrizes das formas sociais que permeiam a sociedade, possibilitam-nos entender o mundo em que estamos inseridos.

A vontade e o ato de fazer o que deseja, aquilo em que acredita é o que nos faz livres, presentes no ato de conhecer melhor as diversas nuances escondidas nas formas culturais, pois o querer social faz das manifestações uma experiência de pesquisa impressionante.

A cultura é uma das maneiras mais prósperas de entender o homem, já que representa o modo de viver “sem” maquiagens estruturais de cunho político modelador. Nas palavras de Chauí (2006, p.107):

[...] cultura é o reino da finalidade livre, das escolhas voluntárias e racionais, dos valores, da distinção entre o bem e o mal, verdadeiro e falso, justo e injusto, sagrado e profano, belo e feio. Se a natureza é o reino da necessidade, a cultura é o reino da vontade, da finalidade e da liberdade, uma experiência inigualável [...].

O carnaval é o exemplo claro dos desejos, discrepâncias de condutas e formato social, através do qual podemos fomentar as diversas alternativas de entender o que o outro faz, sonha e das forças políticas que desenham e redesenham a maneira de construir a convivência humana. As festas são mais que um objeto de estudo das Ciências Sociais, é um mundo de possibilidades investigativas de inigualável significância estrutural, pois estuda o homem em seu mosaico de vontades e representações.

Carnaval: da festa pagã à cultura popular

O termo cultura é fortemente debatido por pesquisadores, sua compreensão enquanto objeto de estudo (logo, no campo da expressão) é motivo de muitas controvérsias, seja nas análises no campo material ou no subjetivo, na estruturação do palpável ou na construção do imaginável, ou até mesmo no mundo físico para o universo do sentir.

As grandes festas populares são exemplos destas culturas (popular, erudita e de massa), discutidas no meio científico e, por muitas vezes, descritas pela mídia, onde percebemos que essas expressões humanas são os retratos dos processos “evolutivos ou remodelados” das culturas herdadas dos antepassados. O que muitos desconhecem é o significado de cada traçado desenhado por estes movimentos culturais, quais os objetivos, significâncias e o trajeto que estes percorreram.

Seria muita audácia ou até mesmo perspicácia tentar dizer ou transcrever o que cada expressão cultural apresenta, contudo, compreender a cultura por meios de frações, decodificando, aos poucos, a história do homem, pode ser uma alternativa. Todo movimento humano é o retrato de emoções e comportamentos que o ser extravasa por meios de sua expressão, sendo ela corporal, linguística ou material. As festas, em geral, refletem os modos de pensar, de agir, de ser de um povo e, também, projeta a saída para o sufocamento que a sociedade embutiu ao homem, a ferramenta da liberdade de expressão, o meio das revelações dos seus desejos e a transparência dos seus medos, o ensaio do querer.

Em todas as épocas e em todas as regiões do globo, as festas populares foram o meio pelo qual os homens expressam sua cultura que intrinsecamente embutia seus padrões de comportamento e atitudes [...]. As festas representavam a influência dos mitos na vida humana, regulando o equilíbrio entre as forças antagônicas do caos e da ordem para uma vida mais adequada (MURRAY, 2008, p.97).

Considerando o carnaval como o maior exemplo da cultura explícita no Brasil, sendo inclusive dito por muitos como a maior festa popular do mundo, procuramos traçar um plano histórico-geográfico desta manifestação para uma discussão acerca das investigações que esta oferta. Embora muitos sujeitos, foliões, imaginem esta festa sendo genuinamente brasileira, sua história é voltada para os rituais agrários, principalmente no antigo Egito.

Assim, a maior festa “popular” brasileira surgiu há mais de 600 anos a.C., no antigo Egito, como uma representação simbólica religiosa em forma de festa, onde os camponeses faziam para agradecerem aos Deuses a colheita de

grandes safras que obtiveram. Desde aquela época, há escritos que retratam a manifestação de forma pública em praças onde as pessoas pintavam os rostos, dançavam, bebiam, usavam o corpo para a essência sexual; um momento de alegria e confraternização, o ápice da prosperidade e da extravagância.

A história do carnaval começa há muitos anos antes de Cristo, com festas promovidas no antigo Egito, como as festas de culto a Ísis. Eram principalmente eventos relacionados a acontecimentos religiosos e rituais agrários [...] (CARDOSO, 2000, p.09).

Festejado em praça pública, o carnaval era uma prática religiosa ligada à fertilidade do solo no Egito, os rituais eram oferecidos aos Deuses, tal como a Osíris, alvo de total respeito por acreditarem que foi este quem fez o recuo das águas do rio Nilo, acontecimento essencial para a irrigação das culturas. Na Grécia, Dionísio, Deus do vinho e da loucura, era o centro de todas as homenagens, ao lado de Momo, Deus da zombaria.

A Igreja, como a entidade suprema da época, usou a sua influência e poder para inibir ou amenizar as várias demonstrações de orgias que essa festa representava. Assim, com o advento da Era Cristã, logo a Igreja incluiu o período da festa no calendário religioso, antecedendo a quaresma e acabando na quarta-feira de cinzas. Tratou-se de uma tentativa frustrada de reprimir as orgias e reforçar a projeção alienadora da entidade (CARDOSO, 2000).

Os fiéis comemoravam o carnaval na época do Natal, no ano novo e na festa de Reis, no período que antecedia a terça-feira “gorda”, chamada assim por ser o último dia em que os cristãos comiam carne antes do jejum da quaresma, além da abstinência de sexo e até mesmo das diversões da época, tais como: circo, teatro, músicas, entre outros. De acordo com o calendário gregoriano, utilizado oficialmente na maior parte do mundo, o carnaval é uma festa móvel porque é indicado pelo domingo de Páscoa.

Com a supremacia do cristianismo na Europa a partir do século IV, várias tradições pagãs foram combatidas, a festa do carnaval foi incluída nesse mosaico de tradições que estavam sendo sufocadas, uma vez que tinha tomado uma dimensão extraordinária. No entanto, a adesão em massa de

não convertidos ao cristianismo dificultou a repressão completa. A Igreja foi forçada a consentir com a prática de certos costumes pagãos, muitos dos quais foram cristianizados para que se evitassem maiores transtornos. Desta forma, em 1545, durante o Concílio de Trento, o carnaval voltou a ser uma festa popular de fato (BURKE, 1989).

No período da Idade Média entre o século X e XV, o carnaval passou a ser denominado como a “festa dos loucos”, pois o folião perdia completamente sua identidade cristã e se apegava aos costumes pagãos. Nesta festa, tudo passava a ser permitido, todos os constrangimentos sociais e religiosos eram abolidos. Disfarçados com fantasias, as quais preservavam o anonimato, os cristãos e os não-convertidos se entregavam a várias licenciosidades que eram geralmente associadas à veneração aos Deuses, considerado uma afronta ao poderio da Igreja.

O carnaval só pode ser compreendido no contexto da visão de mundo cristã, como uma ironia na sua trajetória histórica, pois o carnaval é polêmico quando compreendemos sua essência social e religiosa, implicando comportamentos individuais e coletivos, “opostos” (CAVALCANTI, 1999, p.77).

A sociedade tinha pouca mobilidade social, pois estava inserida em um sistema hierárquico, logo, desigual, onde os senhores feudais, cavaleiros, condes, duques, viscondes eram detentores de terras e arrecadavam impostos dos camponeses. Tratava-se de um ambiente onde o clero era o maior responsável pela divina proteção espiritual em que os indivíduos acreditavam; porém, aquele teve seus decretos e vontades marginalizados pela comemoração do carnaval, compreendendo esta desagregação na então Idade Média como a luta da população contra os ditames e valores que dominaram a civilização greco-romana; a “festa dos loucos” foi à saída da ditadura de valores, o culto aos Deuses foi mais que uma simbologia, a crença de um ser superior foi a representação do povo diante das situações cotidianas de repressão.

Sobre o carnaval Medieval, onde tudo era permitido ou se fazia permitir, Bakntin (1999, p.47) diz: “Nesta festa o mundo parecia ficar de cabeça para baixo, tudo era liberado, desde o expressar-se, assim como o toque e o movimento, tudo

[...]”, o momento das expressões do homem ecoava nas ruas, exprimia nos gestos os seus sentimentos mais íntimos, os sentidos implícitos das liberdades, era a festa “que o povo dava a si mesmo” (BURKE, 1989, p.34).

Na Europa, um dos principais rituais desta festa foi o Entrudo – em latim, começo, abertura e o início da quaresma – existente desde 590 d.C., quando o carnaval cristão foi oficializado. Tal modificação foi fortemente espantosa aos olhos do povo, pois fugia das reais origens da festa, como o festejo pela alegria e pelas conquistas. A Igreja estava aderindo gradualmente à festa, como Burke (1989, p.53) discorre: “[...] os homens da Igreja estavam autorizados a se divertirem. Frades jogam bola, encenam comédias e, vestidos a caráter, cantam, dançam e tocam instrumentos. Mesmo as freiras são autorizadas a celebrar, vestidas como homens [...]”.

O povo comemorava o início da festa, comendo, bebendo, fazendo sexo em pleno cenário público, para compensar o jejum que estes faziam; entretanto, essa comemoração foi gradativamente tomando outra nuance, tornando-se algo violento e brutal. O ápice da violência foi datado nos séculos XIV e XVII, onde homens e mulheres atiravam pelas janelas dos luxuosos casarões, água suja e ovos, promovendo, na época, um repúdio à sociedade tradicional. É válido ressaltar que muitos destes sujeitos não só participavam como eram os protagonistas destas ações, ocorrendo ainda guerra de laranjas podres e restos de comida, uma atrocidade pela representação da época, culminando com estupros e assassinatos, além da degradação de casarões de grandes autoridades (SILVA, 2008).

O carnaval na Idade Média é o retrato oposto da ideologia cristã. Era o período em que a vida das pessoas tornava-se visivelmente ambígua, pois, a vida oficial, a religiosa, disciplinada e reservada, deu espaço para as ações profanas; sendo que, pela perspectiva carnavalesca, o mundo poderia perceber o que os cidadãos sentiam, não sendo estes, portanto, penalizados pela sociedade – um momento de revolução interna.

O sentido cósmico da cultura medieval não-oficial do riso e da praça pública, com sua excepcionalidade e potencial de renovação simbólica do mundo, agrupou-se em torno do período ritual carnavalesco no final da Idade Média, o desejo e a fuga [...] (BURKE, 1989, p.21).

Entre os séculos XIV e XVIII, com a transição da Idade Média para o Renascimento, com a ascensão da burguesia, do mercado capitalista efervescente e dos desejos individualistas aflorados, provocou-se uma deterioração simbólica nas festas populares, tal como o carnaval. Estas perderam o seu utilitarismo religioso e político, dando espaço para o artificialismo de temas em conjugação com os ideários dos governos e da população. De fato, a festa retratada como pagã foi uma das ferramentas para evidenciar o ideal da desigualdade harmônica que ocorria desde os primórdios, buscando, com a festividade, uma transparência constante em prol da igualdade e da liberdade que aprisionavam tanto o homem, pois era no carnaval que o povo tinha a oportunidade de expressar seus sentimentos sem grandes medos.

Com a evolução do carnaval, a festa dos “loucos” se espalhou pelo mundo, chegando ao Brasil (entrudo) ao que tudo indica no início do século XVII, trazido pelos portugueses, transformando-se na maior manifestação popular do mundo e, por tabela, uma das maiores adorações aos deuses pagãos do planeta.

A substituição do processo de comemoração pelo signo do carnaval acarretou uma construção imagética do mundo baseada nas partes que compõem a festa em si; promovida pela liberdade dos vários grupos, recortes feitos para determinar as características dessa manifestação, abrindo o seu conceito no campo linguístico, do mundo da percepção e constituindo-se como a maior representação histórica do universo.

O carnaval é parte de uma civilização e seu tempo tem uma dimensão estrutural, pois com ele experiências e atos socialmente definidos retornam a cada ano. Celebra-se a carne, o corpo, a finitude, com mascaradas, fantasias e inversões, com crítica e sátira festivas a ordem social cotidiano que, temporariamente suspensa retornará logo a seguir. A dimensão estrutural do tempo carnavalesco convive, entretanto, com outras dimensões temporais. Entre elas, são também cruciais a diacronia e o tempo histórico, pois o carnaval possui a sua própria história, existe em contexto sociológico distinto e abrangem diferentes formas festivas, todas com sua história particular. (CAVALCANTI, 1999, p. 77-78)

Em relação ao tempo histórico e sua referência de estado representado, faz-se necessário recorrer a Émile Durkheim (1856 – 1917), o qual, em seu livro “As formas elementares da vida religiosa” (2008), discorre sobre a relação entre o tempo, as marcações simbólicas e as atividades do ser humano. O credo e as suas simbologias interagem com a periodicidade e a marcação dos movimentos culturais, remetendo, muitas vezes, aos processos naturais, como o dia e a noite, a periodicidade dos ritos, das festas, das expressões individuais e coletivas, tudo isso, assegurado pela importância do ser humano de sustentar-se em suas crenças, em seus desejos. Esta noção de tempo admite a possibilidade do ser em definir o conteúdo simbólico, com a época observada pelas expressões humanas ou naturais, sendo um exemplo claro dessa pintura o carnaval, como Fantin (1998, p.46) versa: “[...] a festa não é uma instituição imune ao tempo ou ao contexto em que celebra, ela é sempre reinventada [...]”.

Esta festa intrigante é o retrato da junção do sagrado e do profano, do cristão e do pagão, do bem e do mal, do infinito dualismo do certo e do errado. É a realização do sonho no plano terrestre que transparece na capacidade do homem de fazer do seu sonho uma realidade no palco da vida, e que a cada ano se renova pelas dimensões do tempo, o que nos envolve no mundo da cultura, do ato contínuo da “liberdade” do ser e das modificações das políticas e suas ações modeladoras para com o homem.

As formas e análises das festas: o exemplo do carnaval

Pelo carnaval, podemos entender o significado e a representatividade das festas para a humanidade, sendo essenciais para explicar as mudanças do palco das realizações do homem e suas concepções de vida. Brandão (1987, p.01) afirma que:

A festa não é só contraponto da rotina laboriosa, ela que mantém a sociedade viva e ordenada; ela estende para muito além do cotidiano a experiência da vida social, e não há cultura que possa dispensar a festa, pois é o cenário social da vida.

Neste contexto, através das leituras dos livros “Carnaval carioca: Dos bas-

tidores ao desfile” (1994) de Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti, e “Carnaval, malandros e heróis” (1979) de Roberto da Matta, e analisando o percurso do carnaval, conforme o trabalho exposto, tomamos (08) oito concepções nítidas que se referem ao estudo da festa carnavalesca, num paralelo de evolução, mutação, renovação pela qual esta passou e passa, ou seja, possibilidades interrogativas. Assim, seguem abaixo as referentes pontuações:

- 1) A dimensão agonística da festa carnavalesca, assustadoramente, remete-nos a repensar os valores e preceitos que a sociedade desenvolveu nessa longa escala tempo-espacial, estruturando formas de estratificação social e transformando cada momento em uma agregação de sentidos e ferramentas de desejos, com inclusão de novas normas e regras socioculturais.
- 2) Elo de uma vasta rede de relações que mobiliza anualmente diferentes grupos e camadas sociais urbanos, os quais se entregam e se confundem nos desejos e sentidos; ao mesmo tempo, é similar e oposta.
- 3) Processo de mudança da paisagem em relação ao proceder das épocas, mesclada com as transformações da festividade e de organização da mesma das mesmas, mesclando agora interesses na organização mas que o mesmo cidade desenvolveu nessa escala tempo-espacial, está, “valorizando” a cultura que neste globaliza o popular e o lírico, num caldeirão de valores, classes, gêneros, símbolos e crenças.
- 4) Mudança gradual da forma e sentido da festa momesca, relacionando esta com o espírito exacerbado do processo rotativo de capital.
- 5) Tentativa volumosa da população em resgatar os movimentos culturais para a valorização de sentidos e valores a que este remete, pautando primordialmente nos enfoques religiosos e, ao mesmo tempo, pagãos.
- 6) O carnaval transborda em nuances que vão sendo vivenciadas pelos seres na busca de uma idealização e/ou necessidade, seja ela através

das histórias e fantasias da própria essência. Da relação da divindade dos pareceres entre o “Deus” e o ser humano, na construção da estratificação massacrante em detrimento do capital, no constante processo de comercialização da festa e no processo de empregabilidade informal, ocasionado pela dinâmica político-social.

- 7) Embora seja retratada como um “mar” de contradições, esta festa encontra, no seu íntimo, infinitude de desejos individuais e coletivos, fornecendo ao mundo um espetáculo muitas vezes difícil de descrever, possibilitando aos pesquisadores um olhar diferenciado sobre as ações sociais que perpassam na sociedade humana, observando o processo histórico vigente e, ao mesmo tempo, promovendo um resgate histórico-social.
- 8) O carnaval possibilita o estudo dos seres humanos, da historicidade, do processo da relação sujeito-espaco a partir da leitura da paisagem e dos contos dos foliões (Antropogeografia). Assim, as festas tornam-se importantes para a Geografia, pois esta denuncia a vida humana, sendo viável pensar em uma Geografia da Festa, a história contada da forma que representa para o homem.

Há várias interpretações dos símbolos, crenças e rituais que a prática da festa carnavalesca nos concebe, a dimensão desta é de difícil compreensão, e pontuamos que o carnaval requer minuciosos planos de pesquisa e análise, pois, o que vai diferir ou decodificar tal manifestação não é somente a essência simbólica, normativa e religiosa, mas a representatividade de cada ação para o ser individual, mesmo sabendo que este quantifica o coletivo. Percebe-se uma peculiaridade subjetiva que teletransporta o ser no lugar que este deseja; um tempo da imaginação, do sonho e das denúncias, o tempo do carnaval, o momento de extremo gozo libertário. Assim, a festa tem múltiplas faces, conforme o olhar do pesquisador e, aqui, esta é descrita como a imagem de uma sociedade em constante modificação.

Considerações finais

O carnaval aqui bordado é um exemplo da riqueza de estudos geográficos que uma festa pode oferecer, ofertando a todos os pesquisadores uma oportunidade de investigação através das matrizes econômicas, históricas, sociais, antropológicas, entre outros; sendo que é através da análise das paisagens, pelas decorrências das falas dos foliões e pela iconografia – apenas para citar alguns exemplos –, que se torna possível entender e decodificar o quadro da vida social.

A festa momesca é o retrato do mundo contemporâneo, uma festa milenar que, em pleno século XXI, possibilita uma nova forma de ver o cosmo heterogêneo, fragmentado e, ao mesmo tempo, coletivo e coeso das ações e desejos humanos. Esta manifestação representa ações de culturas diversas aliadas a modificações estruturais de vertentes políticos e econômico de cunho mercantilizado, retratando o homem e seus anseios como forma de crítica social. Esperamos que este retrato do carnaval possa despertar o interesse dos geógrafos para os estudos das festas e as revelações de seus segredos.

Referências

BAKNTIN, Mikhail. **Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: O Contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Festas Populares Brasileiras**. São Paulo: Pioneira, 1987.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Média**. São Paulo: Cia. da Letra, 1989.

CARDOSO, Monique. **História do Carnaval**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Carnaval Carioca**: Dos Bastidores ao Desfile. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Rito e o Tempo: Ensaios sobre o Carnaval.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania Cultural: O Direito à Cultura.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Fonte, 2008.

FANTIN, Márcia. A Reinvenção das Festas: Contribuições para o Debate. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Orgs.). **Culturas em Relação.** Florianópolis: Mover, 1998.

MATTA, Roberto A. da. **Carnavais, Malandros e Heróis.** Rio de Janeiro: Rocco, 1979.

MURRAY, Charles. As Festas Populares como Objeto de Memória. In: SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro.** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação à Distância, 2008.

SILVA, René Marc da Costa (Org.). **Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro.** Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação a Distância, 2008.

Recebido para publicação em junho de 2011

Aceito para publicação em agosto de 2011